

# Gerenciamento do risco



Ivan Leão\*

O tema deste artigo é o gerenciamento do risco (*risk management*). Uma área de conhecimento que exige engajamento multidisciplinar e se expandiu para além dos limites da engenharia e operações críticas, incluindo a indústria marítima e offshore. Foi adotada pelo mercado financeiro e surge nas apresentações das grandes gestoras de investimentos como a Black Rock e a Morgan Stanley. Segundo a Deloitte, uma das maiores empresas globais de serviços de auditoria e assessoria financeira e tributária, a intuição humana é a base para perceber o risco. Organizações complexas exigem análises avançadas para monitorar riscos ao modelo de negócios. A Deloitte lista seis áreas onde as empresas devem gerenciar riscos: economia; ambiente regulatório; clientes; operações; ambiente financeiro; tecnologia. A Black Rock pesquisou clientes em todo o mundo, representando US\$ 25 trilhões em ativos sob gestão, e a sustentabilidade se revelou tema central na análise dos investidores. A Morgan Stanley informa que as questões ambientais, sociais e de governança (ESG) são temas dominantes que tornam empresas, investidores e governos interessados em escolher oportunidades que ajudem a alcançar suas metas econômicas com impacto social e ambiental positivo.

O panorama mundial é de agravamento das percepções de risco. Também mostra oportunidades que atraem os investidores que utilizam o gerenciamento do risco para realizar sólida avaliação para oferecer apoio aos centros de decisão. O Brasil apresenta desequilíbrio fiscal, já que gasta mais que arrecada, reconhece a situação e endereça soluções junto ao Congresso. A guerra de narrativas e o embate político da luta pelo poder é um risco em todos os países, não é uma exclusividade. O diferencial são as oportunidades que o país oferece, por meio da ordenação das vantagens comparativas: um gradativo avanço na inserção internacional; uma ancora nas exportações de produtos primários e do agronegócio; a aber-



tura para investimentos na infraestrutura, incluindo concessões ferroviárias e de terminais portuários, sendo 17 arrendamentos portuários programados em 2021. É fator positivo para o gerenciamento de risco a decisão de grandes grupos empresariais locais anunciarem investimentos e participação em processos de privatização.

O país tem amplo grupo de empresas internacionais que informam interesse no país, entre esses os do segmento de equipamentos submarinos, umbilicais, risers e flow lines, segmento conhecido pela sigla SURE. A oportunidade percebida é continuidade de investimento de Petrobras, Equinor, Shell, Exxon e Chevron. A Petrobras prossegue com o processo de licitação dos FPSOs P-78 e P-79, que serão unidades próprias de produção. Até 2025, 13 sistemas de produção devem entrar em operação. Em 2020, a Petrobras realizou aquisição de R\$ 58 bilhões de bens e serviços, sendo 62% com fornecedores locais. O gerenciamento do risco para construção naval de plataformas de petróleo, por exemplo, identifica a forte competição da Ásia, principalmente da China, cuja política industrial estruturada criou um patamar competitivo difícil de enfrentar. Existem oportunidades locais em segmentos de mercado já identificados.

No segmento de construção submarina, os grupos têm unidades de fabricação local e realizam exportações. Apesar da redução de



receitas, em função da pandemia e da menor atividade offshore global, apresentam a seguinte visão: Oceanengineering — em setembro de 2020, realinhou sua estrutura em cinco segmentos: 1 - Subsea Robotics; 2 - Produtos Manufaturados; 3 - Grupo de Projetos Offshore; 4 - Gestão de Integridade & Soluções Digitais; 5 - Tecnologias Aeroespaciais e de Defesa. Em 14 de janeiro de 2021, a empresa anunciou contratos conquistados no quarto trimestre de 2020, com valor superior a US\$ 225 milhões, no segmento subsea robotics. Considera o Brasil um dos maiores mercados de águas profundas do mundo, com ampla base de FPSOs instaladas e crescimento contínuo para os próximos cinco anos. No Brasil, a empresa tem 700 funcionários e instalações no Rio de Janeiro (sede e projetos), Niterói (fábrica de umbilicais) e Macaé (unidades de negócios de ROV, Survey e serviços).

Aker Solutions — anunciou recente contrato com a Equinor para serviços de manutenção e modificações no campo de Peregrino, com prazo fixo de quatro anos. A empresa vê o Brasil como um mercado vital para usar suas instalações de fabricação submarina para atender a projetos locais e desenvolvimentos internacionais. Em vários fornecimentos para a Equinor, partes dos equipamentos foram fabricadas no Brasil, destinados aos campos de produção Johan Castberg, Troll e Breidablikk, na Noruega.

---

*Segundo a Deloitte, uma das maiores empresas globais de serviços de auditoria e assessoria financeira e tributária, a intuição humana é a base para perceber o risco*

Nexans — a empresa global em soluções de cabeamento para quatro áreas de negócio principais: transmissão e distribuição de energia (submarino e terrestre), fontes de energia (petróleo e gás, mineração e renováveis), transporte (rodoviário, ferroviário, aéreo, marítimo) e construção (comercial, residencial e data centers). Tem presença industrial em 40 países, incluindo fábrica no Rio de Janeiro. Em 2008, adquiriu o segmento de cabos do Grupo Madeco, que era o maior fabricante sul-americano, presente no Chile (Madeco), Colômbia (Cedsa), Peru (Indeco), Argentina (Indelqui) e Brasil (Ficap). No Brasil desde 2000 a Nexans se constituiu como sucessora da Alcatel Cabos e em 2003 adquiriu a Furukawa Cabos de Energia.

Prismian — a presença no Brasil começa em 1929. Sua atividade no segmento SURF tem quase 40 anos, quando instalou o primeiro cabo umbilical subsea no Brasil. Utiliza as marcas Prismian, Draka e General Cable. Informa ter cinco fábricas no Brasil. Os principais produtos são fios e cabos elétricos, acessórios e serviços direcionados para os segmentos de transmissão e distribuição de energia, construção civil, indústria em geral, indústria automobilística, extração de petróleo, telecomunicações, transmissão de dados e fibras ópticas.

Subsea7 — a empresa tem quatro PLSVs (pipelay support vessels) contratados pela Petrobras até 2022: Seven Waves, Seven Rio e Seven Cruzeiro e Seven Sun. A empresa vê oportunidades no Brasil nos projetos de Mero 3, Buzios (6, 7, 8), informados pela Petrobras e com a Equinor, no campo de Bacalhau.

TechnipFMC — a empresa tem no Brasil unidades de fabricação e centros de tecnologia e desenvolvimento. Em conjunto com a DOE, tem contratos com a Petrobras para cinco navios de assentamento de dutos (PLSV). Desde fevereiro de 2020, o Controlador de Válvulas Robóticas (RVC) totalmente elétrico da TechnipFMC — o primeiro do mundo — tem operado com sucesso as válvulas de uma injeção submarina de água e gás para o campo do pré-sal de Tupi, da Petrobras, na Bacia de Santos. ■

---

*\*Ivan Leão é diretor da Ivens Consult*